



CORPO QUE É, FALA, SENTE, DANÇA: *experivivências* de um corpo produtor de arte, cultura e conhecimento

CUERPO QUE ES, HABLA, SIENTE, BAILA: *experivivencias* de un cuerpo que produce arte, cultura y conocimiento

BODY THAT IS, SPEAKS, FEELS, DANCE: *experivivences* of a body that produces art, culture and knowledge

Marcos Antônio Bessa-Oliveira¹ & Kelly Queiroz dos Santos²

Resumo: Corpo. Somos corpo. Todos e todas, eu e você. Ainda assim há uma dificuldade e diria que uma complexidade ao falarmos de corpo. Ousaria dizer que a dificuldade se torna ainda maior quando vamos falar da história do “nosso” corpo. Somos corpo, *biogeografia*, herança, corpo que sente, que fala, que vive, que produz arte, cultura e conhecimento a partir de suas *experivivências* e herança. Há um padrão de corpo estabelecido pelo padrão moderno, ainda que no inconsciente/subconsciente das falas, das propagandas de moda, de TV, nas vitrines, um corpo moderno, corpo único que “pode” produzir conhecimento e que muitas vezes é o corpo que pode dançar, que pode adquirir recursos monetários. Corpo magro, alto, belo, forte, branco, rico. Trato neste texto dessas reflexões e inquietações atreladas diretamente à *experivivência* do meu corpo, corpo que dança, corpo este que vos fala e vos escreve e que por muito tempo foi um corpo

¹ Marcos Antônio Bessa-Oliveira é Professor na UEMS (nas Graduações em Artes Cênicas, Dança e Teatro e no PROFEDUC), é Coordenador do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Email: marcosbessa2001@gmail.com.

² Kelly Queiroz dos Santos é Mestranda no PROFEDUC – Mestrado Profissional em Educação – da UEMS (Universidade Estadual e Mato Grosso do Sul), com bolsa PIBAPbailarina, arte-mediadora e desenvolve pesquisa sobre arte-mediação. É membro do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq. kellyq.santos@gmail.com.

negado. Para a discussão feita de uma perspectiva decolonial e autobiográfica, trago Bessa-Oliveira (2019), Juliano Faria (2019), Boaventura de Sousa Santos (2019), Skliar (2005), Nolasco (2019).

Palavras-chave: Corpo, Dança, Decolonial.

Resumen: Cuerpo. Somos cuerpo. Todos y todas, tú y yo. Aún así, hay una dificultad y yo diría una complejidad cuando hablamos del cuerpo. Me atrevería a decir que la dificultad se hace aún mayor cuando hablamos de la historia de "nuestro" cuerpo. Somos cuerpo, biogeografía, patrimonio, cuerpo que siente, que habla, que vive, que produce arte, cultura y conocimiento a partir de sus vivencias y patrimonio. Existe un estándar corporal establecido por el estándar moderno, aunque en el inconsciente / subconsciente de las líneas, los anuncios de moda, la televisión, en las ventanas, un cuerpo moderno, un cuerpo único que "puede" producir conocimiento y que a menudo es el cuerpo que puede bailar, que puede adquirir recursos monetarios. Cuerpo delgado, alto, hermoso, fuerte, blanco, rico. En este texto trato estas reflexiones e inquietudes vinculadas directamente a la experiencia de mi cuerpo, un cuerpo que baila, un cuerpo que te habla y te escribe y que durante mucho tiempo fue un cuerpo negado. Para la discusión realizada desde una perspectiva decolonial y autobiográfica, yo trago Bessa-Oliveira (2019), Juliano Faria (2019), Boaventura de Sousa Santos (2019), Skliar (2005), Nolasco (2019).

Palabras clave: Cuerpo, Danza, Decolonial.

158

Abstract: Body. We are body. All and all, you and me. Still, there is a difficulty and I would say a complexity when we talk about the body. I would dare say that the difficulty becomes even greater when we talk about the history of "our" body. We are body, biogeography, heritage, body that feels, that speaks, that lives, that produces art, culture and knowledge from its experiences and heritage. There is a body standard established by the modern standard, although in the unconscious / subconscious of the lines, the fashion advertisements, the TV, in the windows, a modern body, a unique body that "can" produce knowledge and that is often the body that can dance, who can acquire monetary resources. Slim, tall, beautiful, strong, white, rich body. In this text I deal with these reflections and concerns linked directly to the experience of my body, a body that dances, a body that speaks to you and writes to you and that for a long time was a body denied. For the discussion made from a decolonial and autobiographical perspective, I bring Bessa-Oliveira (2019), Juliano Faria (2019), Boaventura de Sousa Santos (2019), Skliar (2005), Nolasco (2019).

Key words: Body, Dance, Decolonial.

CORPO, BIOGEOGRAFIA, HERANÇA – um corpo que é, que sente, que vive, que produz conhecimento, que dança

[...] a memória, as lembranças e até os esquecimentos são sempre abstrações, palavras néscias de experiências outras (SKLIAR, 2005, p. 11).

Minha proposta com este trabalho é um tanto quanto diferente das discussões que já propus. Faço-me de mediação, de Arte-mediação, de ensino de Arte, de cultura, conhecimento, de dança. Mas por ora, gostaria de apresentar uma perspectiva *outra* por trás destas discussões, de uma obra não acabada. Na verdade, não está por trás. É a perspectiva de onde emergem essas discussões e proposições de conhecimento: meu corpo. Quero neste trabalho tratar de corpo, de biografia, de produção de conhecimento, arte e cultura; tratar de memórias e heranças; a partir de uma perspectiva descolonial e biográfica. Discutir como esse corpo que foge aos padrões pode ser produtor de conhecimento? Como a herança herdada e/ou não herdada podem produzir arte, cultura e conhecimento?

Como ser capaz de ser infielmente fiel a uma obra que ainda não acaba?³ Quem assume, então, a posição de escrever sobre uma obra que é a escrita em si mesma, escrever sobre uma desconstrução que não tem – nem quer – método, uma pergunta que começa ali, no lugar mesmo do não conhecimento e que acaba sendo o acontecimento? Como apresentar uma obra que é um movimento perpétuo, textos que pretendem acabar com a obsessão da metafísica ocidental, tirando toda possibilidade de binarismos, de *ser e tempo* toda tentação de oposições, e tendo que trazer para dentro do texto uma herança, uma dívida, uma acolhida, uma hospitalidade, um devir outro e puras instigantes aporias? (C.f. SKLIAR, 2005, p. 11).

159

Skliar alega que Jacques Derrida

nos diria que todo texto é autobiográfico e que não se trata de passar da não-autobiografia a autobiografia, senão que sempre se está, sempre se é, sempre se escreve na autobiografia. O que muda, o que nela se transforma, é o tom, é o regime. Do que se trata é o que se faz com a herança, o que se fazer com a herança, o que se

³ A fidelidade e infidelidade nas discussões que já estão encampadas por um pensamento **descolonizado** são fieis à medida que, no caso do corpo ocidental, é infiel a toda lógica moderna estabelecida ao corpo da Arte, por exemplo. Quero dizer: não é que este corpo não dança mais balé; ele agora não quer dançar o balé. Este corpo não é feminino porque é fértil e reprodutor; agora este corpo tem o direito de querer ou não reproduzir bem e como quiser. Do mesmo modo, a infidelidade do corpo ao pensamento moderno na produção de conhecimentos é o corpo que não quer aprender a fazer; pois o meu corpo é, senti, sabe e faz sabendo quem é!

fazer com a própria herança, do que entendemos que é a nossa própria herança (SKLIAR, 2005, p. 12).⁴

Enquanto escrevo sobre minhas *experivivências*, estou escrevendo minha biografia, toda essa escrita faz parte de minha memória, de minha herança. e isso desde o momento em que aprendi a escrever: as minhas leituras durante o passar dos anos, as minhas práticas artísticas, minhas práticas como professora, meus fracassos, às pessoas que passaram por minha vida, os lugares por onde passei e os momentos em que vivi. Escrevo em estado de movimentação consciente. Tudo isso e um pouco mais estão aqui, em tudo que você já leu da minha “obra”, do meu trabalho, é a minha história quem se faz ensaiada/presença. Estou falando da minha história, minha herança, minhas *experivivências*, do meu corpo, e não estou falando de nós, não é um lugar de fala da terceira pessoa, mas da minha *bios*, eu enquanto sujeita *biogeográfica*. Eu comigo mesmo!

Até o próprio Derrida passou pelo processo de desconstrução, ele tem textos no início que não eram escritos em primeira pessoa porque ele seguia uma tradição acadêmica rigorosa: “aquela tradição que deixa de lado o autor, a autoria, aquela tradição que não deixa assinar com a própria assinatura” (SKLIAR, 2005, p. 12). Aquela tradição, que para mim exclui o corpo do que dá corpo à própria tradição. É meu corpo, seu corpo, nossos corpos que dão manutenção a uma suposta tradição inventada para ser tradicional aos corpos. Mas ainda assim ele, Jacques Derrida, desobedeceu epistemicamente, aprendeu e desaprendeu para reaprender (MIGNOLO) para nos deixar essa herança em defesa, de como vimos anteriormente, de que todo trabalho é uma autobiografia, ainda que não seja um livro de biografia especificamente ou a pintura de um autorretrato. Mas toda crítica e teorização são também uma biografia!

É um gesto afirmativo, é um dizer sim. E é fazê-lo partir da posição de quem se sente herdeiro, de quem pensa e sente que tem herdado aquilo que pretende, agora, desconstruir; e não de alguém que, por sua vez, desconfia do outro, nega, diz não à obra, e torna-se crítico desde o lugar do deserddado (SKLIAR, 2005, p. 18).

A desconstrução e a (re)verificação como um gesto de dizer sim é dar voz aos sujeitos silenciados, subalternizados, que tiveram suas histórias e heranças

⁴ Também a herança é aqui um traço de infidelidade. Especialmente porque este corpo que voz escreve, que produz seus conhecimentos ancorados nas suas próprias histórias locais, também trai às heranças que deveriam por nós, sujeitos da exterioridades, serem herdadas.

negadas, sendo obrigados a carregar a herança não herdada de ser Outro. É um gesto que diz sim, que todo sujeito é produtor de arte, de cultura e de conhecimento; é dizer que sim, que posso desenvolver um conceito em minha dissertação escrita em primeira pessoa, sim, uma mulher de vinte e sete anos, moradora de uma região posta como “periférica” pelo centro, a região com maior índice de vulnerabilidade da cidade de Campo Grande, MS.

Dessa maneira começo a dar outra forma para minha herança, a assumir que sou herdeira de uma herança. “Uma herança que está ali, mas que não deve ser, simplesmente aceita, afirmada sem mais, mas também e sobretudo ela deve ser reativada em outra forma, em outra condição, a partir de um certo tipo de escolhas totalmente diferentes” (SKLIAR, 2005, p. 20). Assumo agora a herança do meu próprio corpo.

CORPO E HERANÇA – *experivivências* e heranças de um corpo fora do padrão

Pois sou consciente de um conhecimento localizado em meu corpo que está fora do padrão moderno (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 11).

Uma coxinsense e um fatimasulensse. 1989. Uma festa de casamento. Mandioca. Contato. Namoro. Noivado. Casamento. Dois anos depois o nascimento da primogênita. Dois de abril de 1993, às doze horas e dez minutos com 3 quilos e 200 gramas e quarenta e nove centímetros. Uma menina com os pés parecidos com os da mãe. A cor da pele do “Vô Cacau” (cujo nome já apresenta uma ideia de sua cor). O pai, motorista de caminhão, viajando, estava em Campinas/São Paulo. Mal sabiam esses três a história que essa pequena iria escrever.

Com um pai caminhoneiro que estudou até a sexta série, uma mãe que cuidava da casa e era artesã, que estudou até a quarta série porque precisava trabalhar na roça, fui estimulada, Eu, essa menina que nascera, desde cedo a estudar. Ao contrário do que ela, minha mãe, havia vivido, não tive muitas obrigações em casa enquanto criança e adolescente, minha única obrigação era estudar e tirar boas notas.

Apesar de ter estudo somente até a quarta série, minha mãe foi quem me acompanhou de perto e me auxiliou nos estudos (até hoje sabe coisas que eu não aprendi na escola). *Experivivências*, diria Bessa-Oliveira! Meu pai estava sempre

trabalhando, viaja muito e sempre ficou bastante tempo fora, mas tenho memórias dele me levando no primeiro dia de aula na escola, dele me ensinando a fazer o número dois quando eu estava na pré-escola. Quando o assunto era muito complexo e minha mãe não sabia, recorriamos ao meu tio João, o que tinha mais “estudo” na família.

Minha mãe me acompanhava em cada detalhe da vida escolar, estava sempre na escola, ia em todos os conselhos de classe e falava com todos os meus professores. Quando eu tirava notas como 9 ou 9,5 ela dizia que era pouco, deveria ser 10.

Com o envolvimento e interesse da minha mãe, eu me dediquei muito aos estudos e a tudo que envolvia a vida escolar. Sempre aplicada, aluna destaque em praticamente todos os anos e bimestres, líder ou vice-líder de sala. Participava de tudo na escola. Grupos de dança, treinamento de *handebol*, concursos e tudo mais. Claro que esse empenho foi muito maior no Ensino Fundamental, porque no Ensino Médio, além da fase de vida em que estava, comecei a trabalhar já no 2º ano.

Vamos dar atenção para um detalhe acima apontado: a dança.

162

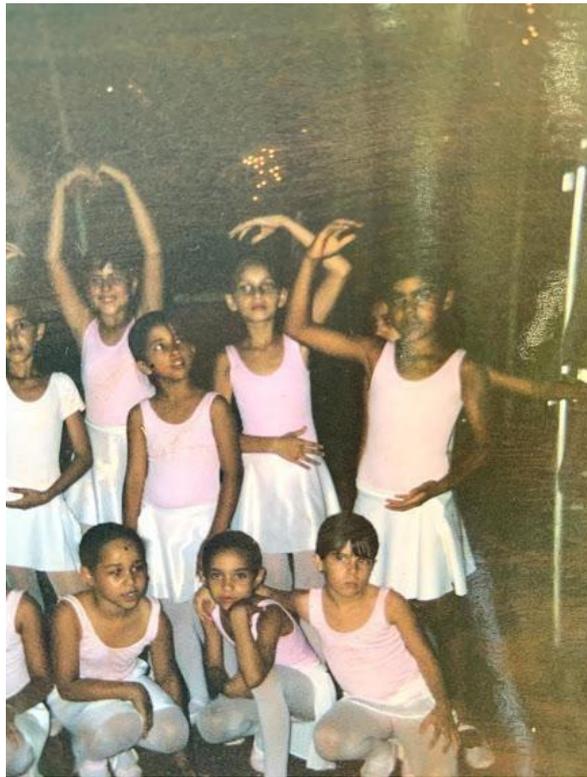


FIG 1. – O balé clássico.
FOTO: Arquivo pessoal da autora.

Em 2001 comecei a participar do grupo de dança da escola, fora em todas as apresentações feitas em sala nos dois anos anteriores e nos posteriores. Em 2003 começou o projeto “Arte sim, violência não” da então Fundação de Cultura do Município de Campo Grande/MS, (FUNDAC), que levava aulas de *street dance* (hoje chamado de danças urbanas após diversos estudos) para regiões “periféricas” e vulneráveis da cidade. Além de gostar muito de estudar, dançar era (é) minha paixão. A dança é em mim uma daquelas “heranças” herdadas que não tem progenitor(a). Eis aí uma herança que ilustra a ideia de que *a herança nunca é erdada!*

No ano de 2009 o projeto acaba e o professor, Marcos Mattos, decide tornar o grupo “Expressão de Rua” independente, não mais vinculado ao projeto da prefeitura, momento em que fomos para a Casa de Arte Dançurbana. Eu fui junto.

Apesar de ter feito SENAI, trabalhando por quase três anos numa indústria de couros, depois de mais de um ano num *call center*, a dança continuava sendo minha paixão, onde eu mais investia tempo e energia, onde eu me entregava por inteiro, dedicando tudo de mim. Meu corpo já era dança!

Voltemos um pouco para o ano de 2007. Em uma conversa com minha mãe em casa eu disse que queria fazer faculdade de dança e ela respondeu que não, pois eu deveria fazer uma faculdade que “daria dinheiro”. Apesar de ter respondido naquele momento que era Eu quem deveria escolher, claramente aquele momento gerou um bloqueio, e fazer faculdade de dança passou a fazer parte só de meus devaneios.

Quis fazer Psicologia, já que eu trabalhava com Recursos Humanos e porque eu sempre gostei de lidar com pessoas. Mas o mundo “capotou”, como diria um amigo! E um dia, no caminho de três quilômetros até o ponto em que o ônibus da empresa passava, por volta das 5 horas da manhã, minha mãe reclamava da minha dificuldade em acordar para trabalhar e a facilidade para acordar para ir para os ensaios do grupo de dança. Aproveitando o momento, respondi: “Então vou trabalhar com dança!”. O ano era 2012 e já existia o curso de Artes Cênicas e Dança na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e também havia o curso de Educação Física que de alguma forma me possibilitaria trabalhar com a dança.

No dia da entrevista do trabalho de *call center* eu disse para ela (minha mãe) que eu queria muito fazer a faculdade de dança e ela respondeu que tudo bem. A partir dali tentei o SISU para Artes Cênicas e Dança e PROUNI para Educação Física na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Não passei em nenhuma das chamadas do SISU e também não consegui a bolsa do PROUNI, a saída então era pagar o curso de Educação Física da UCDB.

Eu e minha família nos mobilizamos para o pagamento, que ali já contava com o valor da matrícula e da primeira mensalidade. Para isso, vendi meu *Ticket Alimentação* da empresa, peguei parte do meu salário e meu pai me emprestou dois cartões de crédito para eu pagar. Depois de cursar um mês de Educação Física, passei na quarta chamada interna da UEMS para o curso de Artes Cênicas e Dança. Larguei o dinheiro lá e as parcelas com meu pai e fui viver meu sonho. Trabalhava seis horas e vinte minutos por dia, andava quatro horas de ônibus e ia para a faculdade à noite. Chegava em casa, tentava estudar, mas falhava miseravelmente. Eu sempre dormia com o computador no colo. A saída era fazer

as leituras dos textos pelo celular enquanto estava no ônibus (isso quando eu também não dormia no ônibus e perdia o ponto, ou quando alguém não me acordava indagando com um alerta: “não é aqui que você desce?”).

Cada vez eu tinha mais certeza do que queria fazer e então me demiti do *call center*, pois decidi trabalhar com dança. Em 2014 comecei a trabalhar como professora de danças urbanas, tendo em vista minhas experiências com o estilo e com o grupo, dando aula no projeto “Mais Educação” e numa escola particular de dança da cidade. Logo em seguida comecei a fazer parte de um programa de Jovem Aprendiz da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar (OMEP), onde comecei minha atuação como professora de Arte na Educação Infantil. Ao mesmo tempo em que comecei a trabalhar na OMEP, participei como Arte-educadora da ação de formação do Festival do Teatro Brasileiro (FTB), aonde conheci a “Mediação Cultural”. Além disso, naquele ano comecei a trabalhar com a Produção Cultural.

Pois bem, você deve fazer ideia porque contei tudo isso. Quem diria. A menina que nasceu e vive numa região periférica e vulnerável da cidade, que teve acesso a festas, drogas, brigas e muitos mais, que conheceu outros caminhos que poderia ter escolhido, é hoje licenciada em Artes Cênicas e Dança, mestranda em Educação por uma Universidade pública e futura doutora (pois seguimos sonhando e movendo). Quem diria que o esforço dos pais, a dedicação da mãe, o grupo de dança da escola, o professor de dança como um mediador, poderiam resultar na menina-mulher que sou hoje, uma artista-professora-pesquisadora, de 1,53 metros, nem branca, nem não-branca.

A partir de uma razão descolonial e da crítica biográfica, eu conto tudo isso para dizer que todas essas *experivivências*, essas memórias, são produtoras de conhecimento. Essas memórias e rasuras estão gravadas em meu corpo, que é quem eu sou, quem escreve, quem dança, quem movimenta, quem luta, quem sonha. São essas histórias, memórias e heranças que fazem parte da construção do meu TCC, dos meus artigos publicados, da minha dissertação em construção. Foram elas que me impulsionaram à escrita deste texto. São elas que me fazem mover, ser, sentir e saber para fazer sendo quem eu sou. Estas que são heranças do meu corpo que carrega muitas memórias. Hoje “sou consciente de um conhecimento localizado em meu corpo que está fora do padrão moderno” (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 11).

CORPO E O PADRÃO MODERNO – descolonizando

O corpo (o *bios*) ainda que compreendido metaforizado na questão, não têm como ser excluído da argumentação descolonial também das pedagogias da diversalidade. Uma vez que é o corpo como camada real primeira do indivíduo em contato social, do corpo-pesquisador [...]. O corpo que se ex-põe *da* exterioridade para argumentar, por conseguinte, nesta reflexão de opor-se aos sistemas imperantes, está para o reconhecimento do seu lugar de fala, logo, de voz e vez de ser, sentir, saber e fazer. [...]. Nessa situação, o corpo que emerge da exterioridade é um corpo indócil, um corpo que reverbera arte, cultura e conhecimento para além do compreendido pelos sistemas imperantes como tais, e, do mesmo modo, é um corpo que está situado geo e historicamente (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 70-71).

Vemos a necessidade gritante de uma razão descolonial (que é a desrazão moderna), de uma perspectiva epistemológica *outra* que vai sim considerar esses corpos da exterioridade, que vai trazer *experivivências* para produção de conhecimentos; uma perspectiva para (re)verificação dessa ideia equivocada de que existe um padrão do que é ou não é, de quem é ou não é determinadas coisas. Uma (re)verificação para escutar os estudantes em sala, desmascarando a mentira contada por todos os lados de que o sujeito que não atende ao padrão não é ninguém, de que não deve falar, ou que sua opinião não interessa. Foi a escuta e a fala de um professor mediador na graduação que me fez desconstruir essa mentira e desejar fazer o mestrado, e hoje, já tenho sonho planejado ao doutorado.

Não só sobre estudantes do ensino formal que são “silenciados”, aqueles para quem leciono, mas posso continuar falando de minhas *experivivências*. Meu corpo outro que também produz conhecimento, eu que tenho um corpo não-cartesiano,

Que tem sensibilidade e diversalidade em concordância com razão e emoção, que está situado em corpos biográficos, história e geografia locais e que, igualmente erigem narrativas de suas *experivivências* originárias, esta inexistente também e ainda que percebidos na opção moderna de razão e emoção em separados ou em apenas uma classe dessa visão binária do corpo (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 72-73).

Essa é uma ideia que já vem sendo superada há algum tempo. Aqui estou eu, prova de quem está produzindo conhecimento, e conhecimento científico com registro: publicações, dissertação qualificada dez meses após o início do programa de mestrado, aprovada somente com revisões, que muito em breve será defendida

e então a pesquisa avançará para o doutorado. Pesquisa-escrita-processo esse que passou e passa por todo o meu corpo, enquanto sujeito *biogeoistórico*, ainda que queiram me colocar na exterioridade, na subalternidade, estou falando a partir desse lugar. Estou dançando. Estou sendo. Estou sentindo. Estou arte. Estou artista-professora-pesquisadora.

Mas o que a ciência cartesiana vem fazendo esses anos para se manter é deslegitimar e desqualificar “outros corpos como saberes, que promoveu aquele corpo hegemônico ao lugar de dominante” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 73). E não se trata de uma prática distante, reafirmo o que Bessa-Oliveira diz a partir de minhas experiências no programa do Mestrado de vários “lados”, já que era uma pesquisa *outra* de um corpo *outro* (pois se sou, sou corpo, sou minha pesquisa, o corpo não é só das Ciências).

“Desde a constituição do pensamento cartesiano como pré-requisito de existência do corpo é o sujeito da exterioridade quem sofre em/para ter um corpo magro, forte, belo, branco e rico. Portanto, um corpo que é percebido em atuação na escola, no trabalho, na sociedade” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 73). Para mim é valioso hoje poder falar a partir de quem sou, reconhecendo quem sou, porque eu sei o que vivi enquanto corpo antes de me aceitar, me amar como sou, e entender que esse corpo poderia ser, sentir e saber para fazer. Não preciso mais fazer sem ser.

Nunca fui magra, desde criança sempre fui “gordinha”, baixinha, perna grossa, barriguinha, “morena”, com alguns traços indígenas aparentemente, mas nada consciente acerca da genealogia, de classe média baixa. Minha primeira melhor amiga, aos seis anos, era uma loira, magra, alta, de olhos verdes. Se eu quis ser como ela? Muitas vezes.

Lembro-me de ir à casa de um amigo do meu pai quando criança, e eu amava, porque ele era de classe alta e tinha filha da minha idade ou bem perto. Ela tinha uma casinha de madeira no quintal com muitos brinquedos, e eu amava ir brincar lá. Também tinha a vizinha da minha Tia, rica, com muitos brinquedos caros, legais, brinquedos que eu nem sonhava em ter, já que nem *Barbie* eu tive. Todas essas eram pessoas brancas. Falando em *Barbie*, podemos discutir também sobre bonecas e desenhos que me “representavam”: quase nulos. Eu gostava da personagem da *Disney* “Pocahontas” por causa da cor da pele dela e do cabelo que era grande como o meu. Mas no mais eu tentava encontrar nem que fosse uma pequena característica para dizer que eu era aquele personagem (porque é uma das

coisas que as crianças mais gostam de fazer, assistir a desenhos ou filmes dizendo quem são tal ou tal, ou para brincar como esse personagem): como o cabelo escuro, ou cumprido – a florzinha das Meninas “Super-poderosas” –, ou um olho “puxado” – “Três Espiãs Demais”.

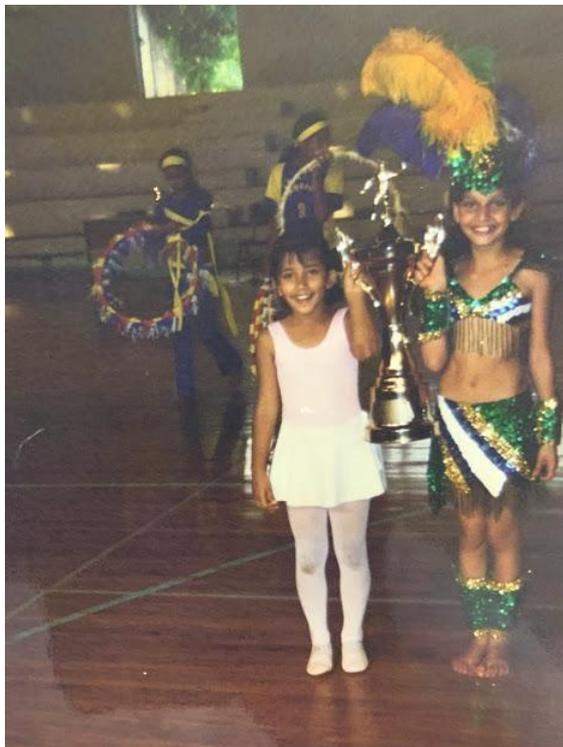


FIG. 2 – As melhores amigas.
FOTO: Arquivo pessoal da autora.

Eu fui crescendo e chegando na adolescência, quando eu entrei em crise com meu corpo. Aos treze anos comecei com dietas malucas, simpatias, chás e tudo que me fizesse ser magra, porque eu já não era nem alta nem branca, precisava ser ao menos magra. Além disso, havia os comentários que eu ouvia de pessoas próximas, de pessoas da dança, de que eu precisava emagrecer, ser magra para dançar era quase condição (se ainda em muitos casos não o é). Isso pairava em minha mente o tempo todo, até os meus vinte e um anos. Muitos anos vivendo uma “tortura” emocional e física por não atender a um padrão cartesiano de corpo. Recordo-me sempre de uma simpatia que fiz no 1º ano do Ensino Médio, em que

eu comia uma banana em jejum e tomava em seguida dois corpos de água natural. Recordo-me sempre, porque, ainda hoje, todas as vezes que eu como uma banana, sinto vontade de tomar água.

Isso aqui não é um desabafo (o que não deixa de ser emocionante para mim). Alguns vão pensar que são bobearas, mas ao pensar nesse corpo cartesiano imperante, mal posso deixar de lembrar o que ele me fez viver por boa parte da minha vida. Mas hoje não mais. Como dizia uma música da minha infância de uma “xará” minha, “baba *baby, baby* baba”, hoje eu sou livre, e esse padrão não me pega mais.⁵ Hoje me vejo de um olhar *outro*. “Uma visão que considera, prioritariamente, a forma como seu corpo se constitui/consolida, aprende/apreende, é, sabe, sente e faz em relação com sua própria natureza de sujeito-mundo. Distante, obviamente, da ideia de sujeito alheio do ou que domina o mundo” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 74).

E ainda que eu seja confrontada de muitos lados, eu mantenho firme minha decisão, a minha escolha por uma forma de pensar *outra*, ou como também podemos dizer, pensar “fora da caixinha”, mas não fora do mundo. Pois ele é feito de muitas caixas, essas feitas para serem abertas e lugares de trânsito, de abrir e fechar, entrar e sair.

“Enfim, ou [se tem o] compromisso com uma forma de pensar outra, ancorada em uma perspectiva de base subalterna ou fronteira, cujo olhar lançado emerge, sempre, da *exterioridade* e, nunca, da interioridade” (NOLASCO, 2019, p. 3), ou seja, ainda que de dentro do sistema moderno que ainda encontramos na academia. A colonialidade está de todos os lados insistindo na ideia do corpo-modelo moderno, modelo este que acaba por exteriorizar/estranhar os corpos que não atendem ao padrão. Logo, ou continua-se pensando de dentro da modernidade igual ou as mesmas coisas.

Neste sentido, a articulação de corpo estranho que segue não está apenas para a ideia de um *objeto* fora de um padrão estabelecido por normas aceitas. Articulam-se as questões aqui expostas para romper com padrões que estabeleceram que o fora da norma, do padrão, é objeto, muitas vezes inanimado, porque não *si-move-se* como quer ou pode porque a regra não permite (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 7).

⁵ Xará é uma palavra que vem do tupi *se rera*, que significa *meu nome*. “s..2g. B pessoa com nome (“prenome”) igual ao de outra” HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 781).

Falo aqui de um corpo que é composto por suas memórias, heranças e *experivivências* e não somente da noção de corpo biológico, o que nos faria permanecer no discurso da colonialidade, da modernidade que estabeleceram a classificação e divisão da humanidade por traços biológicos, por raça e cor. Mas sou também um corpo *biogeográfico* “que emerge/existe das *experivivências* entre-fronteiras da exterioridade ao pensamento hegemônico moderno europeu ou pós-moderno estadunidense. Logo, falo de um corpo *biogeográfico* que *é, sente, sabe e faz*” (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 8).

Sou o corpo estranho que é um corpo falando da sua condição de exterioridade aos pensamentos moderno e pós-moderno. Uma exterioridade hoje grafada, muitas vezes, cicatrizada (Derrida) pela crítica da técnica estabelecida em arte de fronteira, de margem, de excluído, de extracentros. Mas, mesmo assim, o corpo que habito é o corpo da exterioridade [...] que gera arte, cultura e conhecimentos a partir de si, a partir de minhas exterioridades (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 17).

Sou esse corpo de 1,53 que foi rejeitado por suas dobras e curvas por muito tempo, corpo não aceito pelo padrão moderno. Mas sou um pequeno grande corpo que está produzindo arte, cultura e conhecimento todo o tempo que está *experivivenciando*, criando memórias. Hoje, independente do que foi dito ontem, eu sou. Sou corpo. Sou mulher. Sou artista-professora-pesquisadora. Sou, sei e sinto.

É engraçado que desde as minhas primeiras experiências docentes até hoje, não dão muita credibilidade no primeiro momento. Na pós-graduação não foi diferente. Não sei se pelo meu tamanho ou por minha aparência ser de mais nova. Lembro-me do comentário de uma colega de Mestrado durante a apresentação de meu projeto de pesquisa: “Achei você ousada, pelo seu tamanho”. A sala inteira deu risada, inclusive eu, já que ela tinha abertura comigo para fazer a fala que fez. Mas quantos ali não achavam aquilo realmente? Quantos não davam credibilidade para minha pessoa ou pesquisa considerando apenas meu corpo biologicamente definido em tamanho? Como o comentário do líder da turma sobre o meu objetivo de pesquisa no Mestrado – desenvolver um “conceito” –, o que para ele não deveria ser feito ali, mas no Doutorado. Por que não? Mal sabiam eles que naquele mesmo dia eu havia entregado cerca de oitenta páginas da primeira versão da minha dissertação para o orientador. O mesmo acontece quando desenvolvo meu papel como produtora cultural, a exemplo de festivais importantes no Estado, como “Festival América do Sul” e o “Festival de Inverno de Bonito”, em que eu lido com Secretarias de Educação, Grupos, Artistas, assim como as pessoas que

fazem parte da minha equipe. Sim, tenho uma equipe! Sempre há uma primeira resistência quando me veem.

Como bem disseram Faria e Bessa-Oliveira (2019, p. 17) “A Universidade deveria ser o lugar onde os corpos (universais) estranhos deveriam poder REEXISTIR!”. Mas como já explicitado, não o é, e também como muitos autores já vêm discutindo; o próprio nome já carrega os significados desse espaço único, que é Uni, púnico, padrão, universal, homogêneo aonde temos encontrado (pensadores descoloniais) e conquistado espaço (pouco) aos poucos.

Mas apesar de algumas tensas experiivências, foi na Universidade que fui me encontrando. Na graduação, nas disciplinas de dança é que passei a desconstruir a ideia de que eu deveria ter uma técnica específica para dançar. Foi nessas aulas que eu descobri que “minha” dança, onde eu me libertei de padrões que carreguei, inclusive como pesados fardos, reconhecendo com a mediação da professora que meu corpo que carregava a herança das danças urbanas, mas que é ele (meu corpo) quem poderia alcançar lugares outros. Hoje sei, digo e ensino nos lugares por onde passo de que um dia encontrei a minha dança que emerge a partir do meu corpo, de minhas experiivências, e o meu desejo é que essas pessoas com quem compartilho também encontrem suas próprias danças, não apenas reproduzam padrão de uma dança.

Vejo que foi a partir das memórias, histórias e experiivências que meu corpo carregava o que eu pude construir como uma forma outra de docência. Com meus anos de dança, as aulas e pesquisas na graduação, assim como na pós-graduação, pude e posso fazer diferente daquilo que vivi e ser uma mediadora das crianças, jovens e de adultos para quem dou aula, mediando os saberes, os corpos estranhos que encontro, com os saberes que meu corpo carrega. Corpos estes que estão produzindo arte, cultura e conhecimento em movimento.

Muito recentemente tive uma experiência mediadora. Dando aula para um pequeno grupo de mulheres, com poucas experiências de aulas de dança em academias, levei uma proposta inspirada em uma oficina que fiz com a Jussara Miller, e assim, inspirada em Klauss Vianna, onde elas deveriam ocupar o espaço se deslocando por eles e ao mesmo tempo propondo movimentos. Percebi que algo de “errado não estava certo” e elas estavam tendo dificuldades com a proposta de se movimentar e pausei o exercício para propor algo diferente, a partir do que elas acabavam de me apresentar. Vale ressaltar que as minhas aulas são de danças urbanas, o estilo que trabalho e tenho experiência, mas, minha trajetória,

minha formação, faculdade, descoberta da minha dança, meu corpo, minha pesquisa, acabam me levando a pensar e fazer para além de um “estilo” de dança. Mais do que danças urbanas, dou aula de dança, sempre com o intuito de provocar os corpos dançantes a buscar seus modos de movimentar. Será que não ministro aula de dança-corpo-que-dança?

Bom, com a escuta atenta, pude mediar os conhecimentos ali apresentados com os meus e mudei a aula que eu havia planejado. Pedi que se espalhassem pela sala e fechassem os olhos. Apaguei as luzes e comecei a propor a exploração de movimentos a partir das articulações, que eram movimentadas primeiro individualmente, uma parte por vez, e depois todas ao mesmo tempo. Foi incrivelmente valioso e precioso aquele momento porque eu pude olhar para cada corpo ali, com as suas possibilidades de movimento nos corpos daquelas mulheres. Eu poderia ter ignorado a dificuldade e ter dado continuidade à aula que eu havia planejado, mas minhas experiências, a *biogeografia* do meu corpo artista-docente-pesquisadora foi facilitadora para que eu estivesse atenta para promover aquele momento. “Igualmente, essas trajetórias são desenvolvidas pelos seus próprios corpos, não sendo delimitado espaço de movimentação/atuação. Vai-se fazendo e buscando fazer ao mesmo tempo [...] esses falam exatamente do lugar que lhes fora imposto calar: seus corpos *biogeográficos*” (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 25).

Além da boa experiência com a graduação, foi na Universidade que me encontrei pesquisadora, onde passei a ser, sentir e saber artista-professora e também pesquisadora. Por meio de um professor mediador passei a pensar na possibilidade de continuar e realizar um Mestrado, o qual tenho a alegria de fazer na mesma instituição da graduação e ser orientada por esse mesmo professor que mediou meu contato com a pesquisa, assim como mediou meu contato com a perspectiva descolonial, onde posso, cada vez mais, ser o corpo que sei, sou e sinto *para fazer sendo*, como diz ele. Estes e tantos outros atravessamentos dentro e fora da Universidade me possibilitaram fazer as (re)verificações e reflexões que faço hoje, além de me possibilitarem produzir arte, cultura e conhecimento.

“As epistemologias do Sul tratam de conhecimentos que estão presentes na resistência e na luta contra a opressão ou o que delas surgem, conhecimentos que são, por isso, materializados, corporizados em corpos concretos, coletivos ou individuais” (SANTOS, 2019, p. 135). Ou seja, conhecimentos que estão em nossos corpos, nos corpos fora do eixo, corpo estranhos, mas que são corpos que

existem, que carregam e produzem arte, cultura e conhecimento, o que Boaventura chamará de conhecimento corporizado.

As epistemologias do Norte vão tratar de um corpo e sujeito racional e que é só epistêmico, não é empírico. O sujeito não se mistura com o objeto, apenas o pesquisa, só deve ser aquele que pesquisa e fala a partir de alguém dentro do eixo, não traz seu saber empírico. Mas como diria o cantor e compositor Criolo “cada maloqueiro tem um saber empírico” (Música “Esquiva da Esgrima” do álbum Convoque seu Buda (2014)). E podemos substituir a palavra maloqueiro por mulher, negro, latino-americano, porque todos temos e somos saber e conhecimento. Mas a razão moderna alega e propaga o contrário alegando que esse sujeito da exterioridade deve ser silenciado, ainda mais se este deseja tratar de suas experivivências, como a proposta que venho realizando desde a minha graduação, trazendo o corpo para a escrita, a escrita por meio do corpo para a pesquisa, sem separar o corpo de forma dicotômica, mas considerando-o em sua densidade.

As epistemologias do Norte têm grande dificuldade em aceitar o corpo e em toda a sua densidade emocional e afetiva sem o transformarem em mais um objeto de estudo. Não conseguem conceber o corpo como uma ur-narrativa, uma narrativa somática que precede e sustenta as narrativas das quais o corpo fala ou sobre as quais escreve. O fato de essas narrativas serem as únicas que são consideradas epistemologicamente relevantes baseia-se na ocultação da narrativa somática que as fundamenta. O corpo torna-se, assim, necessariamente uma presença ausente (SANTOS, 2019, p. 137).

E esse corpo é tratado, em sua maioria, como “físico”, pela visão das Ciências, que precisa ser moldado, trabalhado para atender ao padrão exterior. Um corpo que ao contrário do que pontua Santos é fracionado para participar das partes que lhes sobram “distribuídas” aos diferentes pelo padrão. “Aí reside um anticartesiano perverso: em vez de a mente ser corporizada, o corpo torna-se o abandonar da mente” (SANTOS, 2019, p. 138). Boaventura diz isso após falar sobre a maneira como o corpo é visto hoje, sobre uma emancipação perversa do corpo, este cuidado com a aparência exterior, física de forma obsessiva. O que Bessa-Oliveira (2019, p. 85) também vai discutir ao dizer que “A ideia de que existe um padrão de corpo assombra homens e mulheres desde que nos compreendemos pecadores. As distinções entre o que é um corpo e o que não é um corpo têm levado a quase todos às academias, de ginásticas ou educativas, levados diferentes corpos às diferentes mesas de cirurgia”.

Mas ainda que com essa preocupação do padrão do corpo, o latino-americano, e, principalmente o brasileiro, tem dificuldade em compreender-se como capaz de ter e ser um corpo, que, ainda que não seja o padrão, não deixa de ser corpo (BESSA-OLIVEIRA, 2019).

Todos os processos de criação, seja artístico ou científico “São produtos de *bricolages* complexas nas quais o raciocínio e os argumentos se misturam com emoções, desgostos e alegrias, amores e ódios, festa e luto” (SANTOS, 2019, p. 138). Os processos de escrita de uma dissertação, de um artigo, de uma poesia estão carregados do corpo, de fracassos, incertezas, ansiedades, perdas, renúncias feitas para dedicação; de dias em que paramos na frente do computador por duas horas para escrever dois parágrafos. Os processos são corpos em histórias, memórias, heranças, *herrâncias* em constantes atualizações consigo mesmo.

Ao contrário da ciência, de que a pesquisa acadêmica apresente determinados passos, sendo necessário planejamento, previsão, metodologias, hipóteses, objetivos e resultados defini(dos)(tos), “os corpos são acontecimentos, às vezes latentes, às vezes patentes, agora fogos quase apagados, depois irrupções incandescentes, agora ausências inescrutáveis, depois brilhantes fulgurações” (SANTOS, 2019, p. 139). Talvez seja isso que assusta a ciência, a academia, por isso ela quer sempre que o corpo esteja alheio à pesquisa, por sua subjetividade, assim como a arte, como a improvisação que acabam fugindo de seu imaginário controle de corpos.

“A consciência do corpo enquanto aparato de lazer, de trabalho, de criação, de ser, de sentir e de saber – entender que ‘tem’ esse corpo dentro ou fora do padrão – fez do homem e da mulher sujeitos subjulgados às características estabelecidas para corpo” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 86). É necessário que tenhamos a consciência de que temos um corpo, independente se esse corpo está ou não dentro desse padrão de corpo perfeito. Precisamos urgentemente ser, sentir e saber o corpo que temos. Acredito que a partir dessa tomada de consciência será possível a escolha de um caminho outro, como quando são necessárias mudanças de hábitos para que tenhamos uma qualidade de vida, considerando a saúde e a maneira como viveremos nossa velhice. Mas isso não será possível enquanto continuarmos negando nosso corpo, rejeitando-o, negando-o. Falo isso com propriedade, pois foi o que aconteceu comigo durante muitos anos, como já mencionado.

SEI, SOU E SINTO O potente corpo que sou

“Minhas argumentações aqui, por conseguinte, tomam do princípio de que nossos corpos ainda são colonizados” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 86). Corpos que ainda são julgados, caracterizados por dualismos como baixo x alto, gordo x magro, e são esses padrões que estabeleceram/estabelecerão delimitações na maneira como esse corpo atua na cultura ocidental, especialmente o corpo latino-americano. E como nosso corpo é colonizado, esta condição acabará refletindo em todas as áreas da nossa vida, e, assim também, na sociedade. O Ensino de Arte, a cultura, as produções artísticas, nosso fazer, saber, sentir, nossa produção científica. Tudo que parti desses corpos já e ainda colonizados pelos projetos moderno e pós-moderno estadunidense e europeu, in-fluentes ainda na contemporaneidade, irá refletir essa condição.

Com a colonização do Brasil, a terra, a alma e o coração do homem encontrado aqui, foram usurpados e esse é um processo que reflete até os dias atuais, pois como antes dito, ainda somos corpos colonizados.

Assim, o corpo indígena, o corpo africano, e o corpo daqueles que resultaram de misturas com o invasor europeu – foram arrancados de suas naturezas – acabaram sendo castigados para os restos de suas vidas como sujeitos sem corpos: como não-cristãos, não-brancos, não-europeus, como não-corpos, não-gentes, não-seres-humanos (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 87).

Eu, neta de uma baiana e de um pernambucano, e de outra avó descendente de italianos, vivo hoje esse não-corpo. Pois acredito que meus traços venham de uma mistura com o invasor europeu, pois não sou diretamente indígena, apesar de alguns traços físicos, não sou preta e não sou branca. Mas hoje sei que sou corpo ainda que não-corpo na ótica daqueles.

“O corpo latino-americano é um corpo que está baseado, inconsciente e muitas vezes conscientemente, em ser/ter o corpo padrão europeu. O brasileiro, por exemplo, vê-se igual ao europeu. Do mesmo jeito, o brasileiro acha que pode ser/ter igualmente ao estadunidense” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 89). Imaginem eu, 1,53 de altura, média de 57 quilos, pouca medida de seios, um pouco de medida de quadril, pernas e glúteos, pele morena, querendo seguir, ser o corpo padrão europeu. Querendo ser minha amiga, ter o corpo dela, olhos dela, ela

que foi modelo e que também nunca esteve cem por cento satisfeita com seu corpo-padrão.

[...] corpos sem saberes moderno e/ou pós-moderno; corpo sem saber histórico colonial; um corpo sem arte disciplinar como linguagem. Um corpo sem padrão; um corpo sem técnica; um corpo genuinamente contemporâneo – um corpo com experiências cotidianas, um corpo contemporâneo que tem como premissa sua as suas histórias memórias e geografias particulares: suas *biogeografias* (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 96).

E é desse corpo que se trata o meu. Corpo que com bagagens repletas de memórias, histórias, experiências, marcas, sofrimentos, abusos, alegrias, sorrisos, re-existe. Um corpo que dança, corpo que sempre moveu a partir de suas experiências, ainda que tentando atingir um padrão moderno de corpo, um corpo magro, com técnica, pequenas curvas; corpo que não deixava de falar de seu lugar e de sua história. Um corpo castigado, com suas marcas, cicatrizes e rasuras. Corpo construído por muitos lugares, momentos e pessoas. Corpo exposto, flagelado, marcado por cicatrizes de feridas da infância. Marcado por feridas e cicatrizes internas. Um corpo hoje. Corpo agora. Corpo rejeitado, e não só fisicamente. Mas hoje, corpo consciente. Corpo que fala, que escuta, que move, que avança. Corpo que dança. Hoje um corpo de fé cristã, mas diferente da história que eu antes ouvia falar. Essa escolha e tomada de consciência de corpo hoje transformou feridas em cicatrizes, fez-me olhar para meu corpo com mais gentileza, carinho, atenção. Fez-me corpo livre para construir uma história *outra*. “Corpo que se constituiu na/da/em exterioridade” (BESSA-OLIVEIRA, 2019).

176

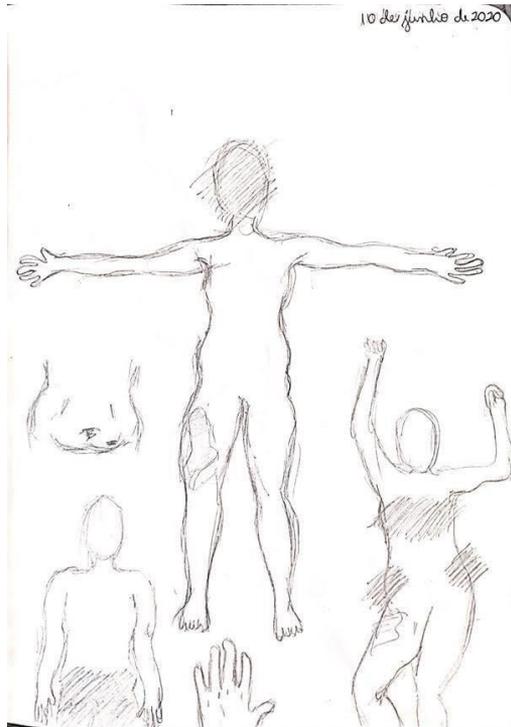


FIG. 3 – Meu corpo na/da/em exterioridade.
FOTO: Arquivo pessoal da autora.

Logo, a questão até aqui se sustenta em argumentar que as diferenças – todas e todos os corpos não reconhecidos como corpos – demandam especificidades/diversidades epistêmicas – crítica, metodológicas, pedagógicas e até artísticas, igualmente políticas – para serem contempladas enquanto práticas de arte, cultura ou como conhecimentos. E, do mesmo jeito, é possível dizer que esta questão, por conseguinte, está tratando das produções em arte, das culturas e dos conhecimentos e corpos que ainda hoje são desconsiderados (exteriorizados) pelo pensamento hegemônico político colonial (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 98-99).

Como repetiu Bessa-Oliveira, falar de corpo não se trata somente do corpo das Artes Cênicas ou corpo da Educação Física. Logo no início da construção do pensamento da minha pesquisa do Mestrado, cheguei a questionar meu orientador o motivo pelo qual eu deveria estudar ou falar sobre corpo, já que eu estava discutindo conceitos, mediação, o Ensino de Arte. Eu, corpo que dança, licenciada em Artes Cênicas e Dança ainda tinha esse pensamento equivocado. Mas agora entendo que todos somos corpo, então, pesquisar, escrever, dançar, ser, falar

de/ser humano, é falar de corpo, não é possível fugir disso. A produção de arte, cultura e conhecimento passa pelo/está no corpo. O pensamento científico surge de um corpo. Todos somos corpo e precisamos ser conscientes disso e deste que somos. Conhecer, reconhecer a pele em que habitamos, como sugere o trabalho solo da artista Ariane Nogueira da Cia Dançurbana, “Pele em que habito”. Conhecer esse corpo que não precisa ser, sentir e saber o padrão moderno, ditado pelo outro.

REFERÊNCIAS

- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Pedagogias da diversalidade. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 61-86, jan./jun., 2019.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O corpo das Artes (Cênicas) Latinas ainda é razão e emoção” “Quando essa porra toda explodir, ai eu quero é ver!”. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 83-109, jul./dez. 2019.
- CRIOLO. **Convoque seu Buda**. Gravadora Oloko Records. São Paulo, 2014.
- FARIA, Juliano Ribeiro; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Meu/Nosso Corpo estranho, o que temos é dele/nele que somos: cultura, bios, educação. **Revista Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v.’’, n. 1, p. 5-35, jan./abr. 2019. Disponível em ...
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3.ed. rev. e aum.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. Acervo do autor. p. 1-22, 2019, **texto no prelo**. (Acervo do autor).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Corpos, conhecimentos e corazonar. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1ª ed. 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SKLIAR, Carlos. Introdução – A escrita na escrita: Derrida e Educação. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p. 9-34.

Artigo recebido em: 06 de novembro de 2020.

Artigo Aprovado em: 17 de dezembro de 2020.